

Inglês só admitem concessões em relação a prazos e a 'spread'

JADER DE OLIVEIRA
Correspondente

LONDRES — Banqueiros ingleses não querem antecipar as reservas de que dispõem para as negociações com o Brasil, a serem conduzidas pelo Comitê Orientador dos Credores e, posteriormente, na esfera da assembleia do FMI. Se houver concessões — e isto é evidentemente parte de qualquer tipo de entendimento — elas só poderão ocorrer no que se refere a prazos e ao **spread** da dívida.

— Juro mais baixo é uma questão que depende mais de organismos internacionais e de Governos — declarou ao GLOBO um dos banqueiros ouvidos durante a semana passada.

As declarações do Ministro Bresser Pereira de que o Brasil preparou nova proposta para fazer aos credores foram recebidas

com cautela, seguindo-se a recusa generalizada da conversão de parte da dívida em títulos.

— Não há muito espaço para fazer concessões, da mesma forma como é um tanto difícil ver o Brasil sair de um tratamento ortodoxo para resolver os seus problemas. Encaramos o Brasil como país de uma grande economia, que é parte da comunidade internacional. Portanto, tem de ser tratado como um membro dessa comunidade econômica — disse o mesmo banqueiro.

Além de um **spread** mais favorável, juntamente com prazos mais dilatados, qualquer outra opção envolveria prejuízos que são inaceitáveis, afirmou outro banqueiro.

— Se o próprio Clube de Paris, que reúne Governos, insiste numa forma de acordo com o FMI, como os bancos privados podem distanciar-se de tal diretriz? E se o Banco Mundial empresta a

uma taxa oficial, por que os privados têm de adotar uma diferente? — acrescentou o banqueiro.

Outro dono de banco referiu-se à necessidade dos **spreads** terem de cobrir o nível dos empréstimos adicionais:

— No que se refere a prazo para o repagamento, será mais fácil manobrar. Afinal, isto seria transferir para outros, no futuro, o problema. No momento, mal conseguimos pensar para daqui a um ou dois anos. Mas acredito que a resposta de qualquer banqueiro no momento é esperar para ver o que o Brasil oferecerá nas próximas negociações. Seria errado elaborar sobre o que ainda não conhecemos. No entanto, se pensarmos apenas no **spread**, não vejo o Brasil concordar com menos de 13/16. Abaixo disto seria difícil para os bancos.